

The Lancet: Diminuições radicais nas taxas globais de fecundidade deverão transformar os padrões populacionais globais até 2100

- **Até 2050, mais de três quartos (155 de 204) dos países não terão taxas de fecundidade suficientemente altas para manter o tamanho da população ao longo do tempo. Esse valor aumentará para 97% dos países (198 de 204) até 2100.**
- **Também são previstas alterações acentuadas nos padrões de nativos, com porcentagem mundial de nativos praticamente duplicada em regiões de baixa renda, de 18% em 2021 para 35% em 2100. Até 2100, a África Subsaariana será responsável por uma a cada duas crianças nascidas no planeta.**
- **Nas regiões de baixa renda com maiores taxas de fecundidade, a melhoria do acesso aos contraceptivos e a educação das mulheres ajudarão a reduzir as taxas de natalidade, ao passo que, em economias de alta renda com baixa fecundidade, as políticas que ajudam os pais e a abertura para a imigração serão essenciais para a manutenção do tamanho da população e o crescimento econômico.**
- **Os autores alertam que os governos nacionais devem se planejar para enfrentar as ameaças emergentes para as economias, a segurança alimentar, a saúde, o meio ambiente e a segurança geopolítica acarretadas por estas alterações demográficas que transformarão a maneira como vivemos.**

O mundo está se encaminhando para um futuro com baixa fecundidade. Até 2100, apesar da previsão de que mais de 97% dos países e territórios terão taxas de fecundidade inferiores à necessária para manter o tamanho da população ao longo do tempo, as taxas de fecundidade comparativamente mais altas em diversos países de baixa renda, predominantemente na África Subsaariana ocidental e oriental, continuarão a impulsionar aumentos populacionais nesses locais ao longo do século. Esse “mundo demograficamente dividido” terá consequências consideráveis para as economias e sociedades, segundo um novo estudo publicado no [The Lancet](#).

A pesquisa apresenta estimativas do Estudo “Global Burden of Disease, Injuries, and Risk Factors” (GBD) de 2021 — uma iniciativa global de pesquisa conduzida pelo Instituto de Métricas e Avaliação em Saúde (IHME) da Faculdade de Medicina da Universidade de Washington — para as tendências passadas, atuais e futuras globais, regionais e nacionais de fecundidade e de nativos. Geralmente, os países precisam ter uma Taxa de Fecundidade Total (TFT) de 2,1 filhos por pessoa capaz de engravidar, para manter a reposição geracional de longo prazo da população. A TFT de uma população é o número médio de filhos aos quais uma mulher dá à luz ao longo da vida, projetando uma reprodução com as taxas de fecundidade atuais ao longo dos anos reprodutivos.

Com o uso de novos métodos para prever a mortalidade, a fecundidade, os principais fatores da fecundidade (p. ex., nível de educação, necessidade não atendida de contracepção moderna, mortalidade infantil e habitação em áreas urbanas) e nativos, os pesquisadores estimam que até 2050, 155 dos 204 (76%) países e territórios estarão abaixo do nível de fecundidade para reposição populacional. Prevê-se que o número de países e territórios abaixo do nível para reposição populacional ainda aumentará para 198 de 204 (97%) até 2100. Isso implica em uma diminuição das populações nesses locais, a menos que seja possível compensar a baixa fecundidade por meio da imigração ética e eficaz. A magnitude da baixa fecundidade também pode ser mitigada, em parte, por políticas que ofereçam mais apoio aos pais.

As novas previsões de fecundidade realçam os grandes desafios para o crescimento econômico em muitos países de alta e média renda, com a mão de obra em declínio e a sobrecarga crescente nos sistemas de saúde e segurança social resultantes de uma população envelhecida.

O novo estudo também prevê enormes mudanças no padrão global de nativos entre países com renda mais elevada e países com renda mais baixa. Em 2021, 29% dos bebês do mundo nasceram na África Subsaariana. Até 2100, prevê-se um aumento dessa porcentagem para mais da metade (54%) de todos os bebês, reforçando a urgência da melhoria do acesso à contracepção moderna e educação feminina nesses países.

“Estamos enfrentando uma mudança social extraordinária ao longo do século 21”, explica o autor e professor sênior Stein Emil Vollset do IHME. “O mundo lidará simultaneamente com uma “baby boom” (explosão populacional) em

alguns países e uma “baby bust” (queda populacional) em outros. Enquanto a maior parte do mundo enfrentará desafios complexos para garantir o crescimento econômico com mão de obra em declínio e para encontrar formas de dar assistência e pagar por populações envelhecidas, muitos dos países com maiores limitações de recursos na África Subsaariana estarão lutando para descobrir como sustentar as populações mais jovens e de crescimento mais rápido do planeta, em alguns dos lugares com maior instabilidade política e econômica, assolados pelo calor e com sistemas de saúde sobrecarregados.”

“As consequências são enormes”, afirmou a coautora líder e cientista pesquisadora líder do IHME, Dra. Natalia V. Bhattacharjee. “Essas tendências futuras de taxas de fecundidade e nativos remodelarão completamente a economia global e o equilíbrio de poder internacional, e será necessário reorganizar as sociedades. O reconhecimento global dos desafios em torno da migração e as redes globais de ajuda serão ainda mais críticos quando houver uma competição acirrada por migrantes para sustentar o crescimento econômico e à medida em que o “baby boom” da África Subsaariana continuar em ritmo acelerado.”

Fecundidade em declínio a nível mundial – apenas seis países com taxas de fecundidade acima do nível para reposição populacional em 2100

A TFT global caiu mais da metade nos últimos 70 anos, de cerca de cinco filhos para cada mulher em 1950 para 2,2 filhos em 2021 — com mais da metade de todos os países e territórios (110 de 204) abaixo do nível para reposição populacional de 2,1 filhos por mulher em 2021. Essa tendência é particularmente preocupante para locais como a Coreia do Sul e Sérvia, onde a taxa é inferior a 1,1 filho para cada mulher. No entanto, para vários países na África Subsaariana, as taxas de fecundidade permanecem altas — a TFT da região é quase o dobro da média global, com quatro filhos por mulher em 2021. No Chade, a TFT de sete filhos é a mais alta do mundo.

Ao longo das décadas futuras, prevê-se que a fecundidade global diminua ainda mais, atingindo uma TFT de cerca de 1,8 em 2050 e de 1,6 em 2100 — bastante abaixo do nível para reposição populacional. Até 2100, prevê-se que apenas seis dos 204 países e territórios (Samoa, Somália, Tonga, Níger, Chade e Tadjiquistão) possuam taxas de fecundidade acima dos 2,1 filhos por mulher. Em 13 países, incluindo Butão, Bangladesh, Nepal e Arábia Saudita, prevê-se até mesmo que as taxas caiam para menos de um filho por mulher.

Projeta-se que a TFT na Europa Ocidental será de 1,44 em 2050, caindo para 1,37 em 2100, com previsão de que Israel, Islândia, Dinamarca, França e Alemanha terão as taxas de fecundidade mais elevadas, entre 2,09 e 1,40, no final do século. Espera-se que as taxas sejam muito menores no restante da Europa e em partes da Ásia.

A maior parte do mundo está fazendo a transição para o declínio natural da população (quando o número de mortes ultrapassa o número de nativos). Prevê-se que apenas 26 países continuem a apresentar um crescimento populacional em 2100, à medida em que os nativos continuem a superar o número de mortos, incluindo Angola, Zâmbia e Uganda.

“De muitas formas, a queda nas taxas de fecundidade é sinônimo de uma história de sucesso, refletindo não só a presença de contracepção melhor e mais facilmente disponível, como também o fato de que muitas mulheres optam por postergar a maternidade ou ter menos filhos, devido à presença de mais oportunidades de educação e emprego”, disse Vollset.

Mudanças acentuadas nos padrões de nascimentos — com mais da metade dos nativos ocorrendo na África Subsaariana em 2100

Nas próximas décadas, a maioria das crianças nascerá em algumas das regiões do mundo com mais limitações de recursos, com previsão de mais de três quartos (77%) dos nativos em países de baixa e média-baixa renda até o final do século.

O declínio da fecundidade em muitos países da África Subsaariana está ocorrendo em um ritmo mais lento e espera-se que a região contribua com mais da metade (54%; cerca de 40 milhões) dos nativos do mundo em 2100, até aproximadamente 41% em 2050 e aproximadamente um quarto (29%) em 2021.

Grande parte do declínio previsto na porcentagem global de nativos ocorrerá nas outras seis super-regiões — com queda, por exemplo, no sul da Ásia, de aproximadamente 25% (32 milhões) em 2021 para 17% (19 milhões) em 2050

e 7% (5 milhões) em 2100 — mas há previsão de crescimento modesto no norte da África e no Oriente Médio (de 9% em 2021 para 11% em 2100) e na super-região de alta renda (8% para 10%).

“Um grande desafio para os países da África Subsaariana com as maiores taxas de fecundidade é gerenciar os riscos associados ao aumento do crescimento populacional ou arriscar uma potencial catástrofe humanitária”, afirmou o Dr. Austin E. Schumacher, coautor líder e professor adjunto interino do IHME. “A grande mudança nos números de nascimentos realça a necessidade de priorizar essa região nos esforços para diminuir os efeitos da mudança climática, melhorar a infraestrutura dos cuidados de saúde e continuar a reduzir as taxas de mortalidade infantil, em conjunto com ações para eliminar a pobreza extrema e garantir que os direitos reprodutivos das mulheres, o planejamento familiar e a educação para as meninas sejam prioridades máximas para todos os governos.”

Soluções para um mundo demograficamente dividido

“Essas mudanças profundas na fecundidade futura revelam uma divisão demográfica evidente entre os impactos em muitas nações de média a alta renda versus muitos locais de baixa renda que exigem que os governos nacionais implementem políticas de segurança e favoráveis para ajudar a sustentar condições que possam aumentar as taxas de natalidade em algumas regiões e diminuí-las em outras”, disse Schumacher. “O tempo é essencial, já que os esforços atuais para gerenciar o crescimento da população provavelmente só poderão ter efeitos observáveis depois de 2050.”

A análise sugere que os esforços conjuntos para acelerar o acesso aos contraceptivos modernos e a educação das mulheres — os dois fatores principais da fecundidade — poderiam ajudar a acelerar o declínio da fecundidade e reduzir as taxas de natalidade nas nações com fecundidades mais elevadas. Por exemplo, na África Subsaariana, as projeções estimam que alcançar as Metas de Desenvolvimento Sustentável da ONU para a educação universal das mulheres ou a necessidade universal não atendida de contraceptivos modernos até 2030 resultaria, cada um desses fatores, em taxas de fecundidade de 2,3 filhos por mulher em 2050, em comparação com cerca de 2,7 filhos se essas metas não forem alcançadas.

Nos países com as fecundidades mais elevadas, os ganhos poderiam ser ainda maiores. No Níger, por exemplo, prevê-se que a taxa de fecundidade total seja de cinco filhos para cada mulher em 2050. No entanto, se as metas de educação universal forem cumpridas até 2030, prevê-se que a taxa diminuirá para 2,7 filhos por mulher em 2050, ao mesmo tempo que atender às necessidades contraceptivas universais poderia reduzir a taxa para 4,3 filhos.

“Embora atingir as duas metas universais em todos os locais até 2030 esteja, provavelmente, fora de alcance, é evidente que enfrentar a explosão populacional nos países com maior fecundidade depende em grande parte da aceleração do progresso na educação para meninas e dos direitos reprodutivos”, disse Schumacher.

O estudo também examinou o possível impacto de que as políticas pró-natais projetadas para oferecer apoio financeiro e cuidados de saúde para as crianças e as famílias poderiam ter no aumento das taxas de fecundidade nos países com fecundidade abaixo do nível de reposição populacional. Com base nas informações existentes dos países que já implementaram tais políticas, os achados sugerem que, embora as políticas pró-natais não aumentarão as taxas de fecundidade até o nível para reposição populacional, elas poderão evitar que alguns países tenham diminuições para níveis de fecundidade extremamente baixos (com apenas 30 países e territórios com TFT abaixo de 1,3 em 2100 se as políticas pró-natais forem implementadas em comparação com os 94 observados no cenário mais provável). Para os países com baixa fecundidade, será importante implementar uma combinação de políticas que apoiem aqueles que desejam ter filhos e ofereçam benefícios adicionais para a sociedade, como uma melhor qualidade de vida e maior participação das mulheres no mercado de trabalho, em conjunto com políticas de imigração aberta.

“Não há uma solução mágica”, disse Bhattacharjee. “As políticas sociais para melhorar as taxas de natalidade, tais como a licença maternidade/paternidade ampliada, creches gratuitas, incentivos financeiros e direitos trabalhistas adicionais, podem proporcionar um pequeno aumento nas taxas de fecundidade, mas a maioria dos países permanecerá abaixo dos níveis para reposição populacional. E quando a população de quase todos os países estiver diminuindo, a dependência da imigração aberta se tornará necessária para manter o crescimento econômico. Os países da África Subsaariana possuem um recurso essencial que as sociedades envelhecidas estão perdendo: uma população jovem.”

Ela continua, “Há uma preocupação bastante plausível de que, com as populações em declínio e sem soluções evidentes, alguns países possam justificar a tomada de medidas muito severas que limitem os direitos reprodutivos.

Está bem estabelecido que as nações com direitos das mulheres mais robustos têm maior probabilidade de ter melhores resultados de saúde e crescimento econômico mais rápido. É crucial que os direitos das mulheres sejam promovidos e protegidos e que as mulheres recebam apoio para terem o número de filhos que desejarem e para progredirem em suas carreiras.”

Os autores ressaltam algumas limitações importantes, inclusive que, embora o estudo use os melhores dados disponíveis, as previsões são limitadas pela quantidade e qualidade dos dados do passado, que foram especialmente limitados durante o período da pandemia, de 2020–2021. Eles também reforçam que as tendências do passado não são preditivas do que vai acontecer no futuro e que essas previsões de fecundidade se baseiam na previsão precisa de cada um dos possíveis fatores da fecundidade no futuro.

Em um comentário vinculado, Gitau Mburu, James Kiarie e Pascale Allotey, da Organização Mundial de Saúde, que não estiveram envolvidos no estudo, disseram “A fecundidade é uma questão que preocupa várias partes interessadas e disciplinas. As previsões científicas e a discussão de políticas são essenciais à medida que todos procuramos respostas. A comunicação cuidadosa facilitará a obtenção de uma melhor compreensão do problema e a tomada de decisões embasadas. As TFTs em declínio desafiarão a comunidade global e poderão desencadear inovações que nos ajudem a alcançar o desenvolvimento sustentável em longo prazo.”